

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

---



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar

A Educação Pré-Escolar e o desenvolvimento das  
competências narrativas – A relação da criança com o  
herói dos contos tradicionais

Margarida Inês Nogueira Aguilár Nunes

Coimbra, 2017

Margarida Inês Nogueira Aguilar Nunes

**A Educação Pré-Escolar e o desenvolvimento das  
competências narrativas – A relação da criança com o  
herói dos contos tradicionais**

Relatório de Estágio em Educação Pré-Escolar, apresentada ao  
Departamento de Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra  
para obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri:

Presidente: Prof<sup>a</sup> Doutora Ana Coelho

Arguente: Prof<sup>a</sup> Doutora Isabel Correia

Orientador: Prof. Doutor Pedro Balaus Custódio

maio, 2017



**Agradecimentos:**

À minha Avó Amélia

Ao meu Primo Bertinho

**“The things we lose have a way of coming back to us in the end.  
If not always in the way we expect.”**

Luna Lovegood – Harry Potter and the Order of the Phoenix

Ao Professor Doutor Pedro Balaus pelos ensinamentos transmitidos, por me infundir calma quando eu sentia desespero e por me ter acompanhado nesta minha última etapa.

Ao Xavier, um menino que embora muito pequenino, soube sempre dizer nas alturas certas “Magarida eu gosto muito de ti!”

À Victória que, apenas com dois anos, me ensinou a não ter medo da creche.

À Cátia Malhadas, pela amizade e incentivo.

À Marina Machado, pelas experiências partilhadas e palavras de coragem.

À “Tarina”, (Ana Catarina Costa), por ter sido uma ótima colega de estágio e sem a qual não seria possível vencer a “A Maldição da Dona Mafalda”, sempre ao ritmo do Panda Style.

À Êvá, (Eva Pedro), por todos os bons momentos partilhados, principalmente no “furto de gomas”.

À Ana do Carmo, por todas as conversas, jantares, risos e momentos Marvel e, sobretudo, por ter sido uma amizade tão inesperada mas “We are Worthy!” dela!

À Cátia Fonseca, à Carita e à Joana (Alzira), que sem elas Castelo Branco não teria sido o mesmo.

À Liliana, porque todo o Steve tem um Danno e porque uma amizade como a nossa, apesar da distância, tem durado 7 anos!

À Ti'Sabel, (Tia Isabel), que é uma referência para mim, estará sempre no meu coração e espero que, embora eu já seja grande, me continue a dar “queijo da casca vermelha!”

À minha família, ao Pai Carlos, gordinho e com bigode, que dá mimos, e à Mãe Isabel que me ensinou o que é ser uma mulher lutadora e forte em momentos difíceis, que está sempre presente na vida dos filhos e que é, sem dúvida, a MELHOR MÃE DO MUNDO!

Ao meu irmão, pelos abraçinhos que fazem faltar o ar e que está sempre presente em todos os momentos importantes da minha vida.

## **A Educação Pré-Escolar e o desenvolvimento das competências narrativas – A relação da criança com o herói dos contos tradicionais**

### **Resumo:**

O presente Relatório de Estágio decorre da apresentação e reflexão sobre a Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar e Creche, integrada no ciclo de estudos do Mestrado em Educação Pré-Escolar, lecionado na Escola Superior de Educação de Coimbra.

Escolhemos o tema “A Educação Pré-Escolar e o desenvolvimento das competências narrativas – A relação da criança com o herói da história”, o qual articulámos com a prática educativa. Consideramos que este tema é importante para qualquer faixa etária. Contudo, na Educação Pré-Escolar, é mais relevante pela reação afetiva que as crianças nesta idade revelam, frequentemente, em relação às personagens principais dos contos de fadas.

A metodologia usada neste estudo foi a investigação-ação, sendo usadas como técnica de recolha de dados a observação, fotografias e desenhos. A análise de resultados tem como finalidade verificar a relação das crianças com o herói da história e analisar as características dos recontos orais das histórias ouvidas pelas crianças. O grupo em estudo manifestou uma grande capacidade em analisar os comportamentos das personagens principais e as ações por elas desenvolvidas, e quais os sentimentos que o conto despertou nelas.

A Prática Educativa I revelou-se importante para aprofundar e fundamentar conhecimentos, refletir sobre práticas e procedimentos adequados. Durante a Prática Educativa em Educação Pré-Escolar, realizaram-se atividades que tiveram como objetivo compreender qual a relação da criança com o herói do conto/história.

**Palavras-chave:** Educação Pré-Escolar; Contos de Fadas; herói do conto; competências narrativas.

## **Pre-School Education and the development of narrations skills – The relationship between the child and the tale’s hero**

### **Abstract**

This internship report derives from the presentation and reflection on the Pre and Nursery School Education Supervised Practice at Coimbra College.

The topic “Pre-School Education and the development of narrations skills – The relationship between the child and the tale’s hero” was linked with the practice. However, in pre-school education it’s more relevant the children’s emotional reaction towards the main characters of the fairy tales.

The method used in this study was “research-action”, based on the gathering of data, observation, photos and drawings. The analysis of the results aims at checking the relationship between children and the tale’s hero and analyzing the characteristics of retelling tales listened by them.

The study group showed a great capacity to analyse the main character’s behaviors, the actions developed by them and the feelings converged by the tale. The Learning Practice I became important to improve knowledge and reflect on suitable practices and procedures. During the learning Practice in Pre-School Education some activities were implemented to understand the relationship between the child and the the tale’s hero.

**Keywords:** Pre-School Education; fairy tales; tale’s hero; narration skills.

## Índice

INTRODUÇÃO .....	1
Capítulo I – INVESTIGAÇÃO.....	5
1. Justificação e contextualização.....	7
2. Problemas e questões de investigação.....	8
3. Enquadramento Teórico .....	9
3.1. Os contos tradicionais e os contos de fadas.....	9
3.2. As crianças em idade pré-escolar e os contos de fadas.....	11
3.3. O herói e outras personagens dos contos de fadas.....	12
3.4. A função da fantasia na Infância .....	13
3.4.1. A fantasia vs a Realidade.....	14
3.4.2. O Medo da Fantasia .....	15
3.4.3. Ultrapassar a infância com ajuda da fantasia .....	15
3.5. As Bruxas e as Fadas no imaginário infantil.....	16
Capítulo II – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO .....	19
1. Fundamentação e descrição dos processos metodológicos.....	21
1.1. Descrição dos processos metodológicos .....	21
1.2. Participantes no estudo .....	22
1.3. Procedimentos de recolha e tratamento de dados .....	22
1.4. Princípios éticos .....	23
2. Recolha de dados.....	24
2.1. Observação .....	24
2.2. Notas de campo .....	24
2.3. Registo fotográfico e áudio.....	25
2.4. Registo gráfico (desenhos).....	25
Capítulo III – DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA EDUCATIVA.....	27
1. Contextualização da Prática Educativa em Educação Pré-Escolar.....	29
1.1. Caracterização do contexto educativo .....	30
1.1.1. Caracterização do meio .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
1.1.2. Caracterização da instituição.....	30
1.1.3. Caracterização dos Espaços Educativos.....	31
1.1.4. Caracterização da sala de atividades.....	31

1.1.5. Caraterização do Grupo.....	32
1.2. Organização da Prática Educativa em Educação Pré-Escolar.....	32
2. Desenvolvimento da Prática Educativa em Educação Pré-Escolar.....	34
2.1. Registos de observação.....	34
2.2. Prática Individual.....	34
3. Análise das conceções das crianças.....	37
3.1. <i>A Casinha de Chocolate</i> , versão dos Irmãos Grimm.....	37
3.2. <i>A Bela e o Monstro</i> de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont.....	41
Capitulo IV – CONCLUSÕES FINAIS.....	46
Referências Bibliográficas.....	52
Webgrafia.....	53
Anexos.....	53
<b>Anexo 1</b> – Cronograma do Estágio em Jardim-de-Infância Mestrado – Educação Pré-Escolar (Prática Educativa I).....	55
<b>Anexo 2</b> – Planificação da primeira sessão relacionada com o tema de investigação.....	58
<b>Anexo 3</b> – Desenho de uma criança sobre o conto <i>A Casinha de Chocolate</i> .....	64
<b>Anexo 4</b> – Digitalizações de outros desenhos realizados pelas crianças relativos ao conto <i>A Casinha de Chocolate</i> .....	67
<b>Anexo 5</b> - Planificação da segunda sessão relacionada com o tema de investigação.....	71
<b>Anexo 6</b> - Desenho de uma criança sobre o conto <i>A Bela e o Monstro</i> .....	77
<b>Anexo 7</b> - Digitalizações de outros desenhos realizados pelas crianças relativos ao conto <i>A Bela e o Monstro</i> .....	80

### Índice de Figuras

<b>Figura 1</b> – Localização da Creche e Jardim-de-Infância “O Caracol”.....	30
<b>Figura 2</b> – Capa do conto <i>A Casinha de Chocolate</i> , dos Irmãos Grimm.....	38
<b>Figura 3</b> – Capa do conto <i>A Bela e o Monstro</i> de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont.....	41

### Índice de Tabelas

<b>Tabela 1</b> – Dados da análise dos desenhos acerca do conto <i>A Casinha de Chocolate</i> , dos Irmãos Grimm.....	40
<b>Tabela 2</b> – Dados da análise dos desenhos do conto <i>A Bela e o Monstro</i> , Jeanne-Marie Leprince de Beaumont.....	43



## **INTRODUÇÃO**

“It's here, in the castle, in the place where everything is hidden. If you have to ask, you will never know. If you know, you need only ask.”

Helena Ravenclaw

Harry Potter and the Deadly Hallows (Rowling, 2007)



Este relatório tem como propósito fundamental a finalização da nossa formação como futuros educadores e nele são descritos os momentos essenciais da prática, assim como uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido ao longo deste mestrado.

Como já foi referido, o tema escolhido, “A Educação Pré-Escolar e o desenvolvimento das competências narrativas – A relação da criança com o herói da história”, é interessante para qualquer faixa etária, mas consideramos que é particularmente importante na Educação Pré-Escolar. As crianças nesta idade mostram bastante interesse sobre contos de fadas maravilhosos e as suas personagens principais, normalmente os heróis.

Os objetivos centrais desta investigação são analisar: a relação das crianças com o herói da história; as características dos recontos orais das histórias ouvidas pelas crianças e as competências narrativas orais das crianças.

De forma a contextualizar a minha prática pedagógica, menciono a seguir as características essenciais das crianças nesta faixa etária. Tendo como referência Jean Piaget (citado por Papalia, E., Olds, S. e Feldman, R., 2001), os comportamentos das crianças entre os 2 e 7 anos e o seu desenvolvimento cognitivo correspondem ao seguinte:

#### Estádio Pré-operatório (2-7 anos)

Este estágio é caracterizado principalmente pelo desenvolvimento do pensamento intuitivo da criança. Nesta fase, não consegue efetuar operações, porém já usa a inteligência e o pensamento, que é organizado através do processo de assimilação, acomodação e adaptação.

No que diz respeito ao jogo, para Piaget o jogo simbólico é fundamental, onde a assimilação predomina. Aqui surgem os jogos do “faz de conta”, onde as crianças reproduzem ações que fazem parte do seu quotidiano.

Todavia, é no desenho que a criança representa a fase mais criativa e diversificada. Esta projeta nos seus desenhos a realidade que ela vive, não há realismo na cor, e também não há preocupação com os tamanhos. Nesta fase, os desenhos começam a ser mais compreensíveis pelos adultos.

Na vertente da comunicação, neste período, a linguagem começa a ser muito egocêntrica, pouco socializada, ou seja, está centrada na própria criança. Ela não

consegue distinguir o ponto de vista próprio, do ponto de vista do outro e, por isso, revela uma certa confusão entre o pessoal e o social, o subjetivo e o objetivo.

Concluindo, neste estágio, a criança aprende de forma rápida e flexível e inicia-se o pensamento simbólico, em que as ideias dão lugar a uma experiência concreta. Elas conseguem já partilhar socialmente as aprendizagens, fruto do desenvolvimento e da sua comunicação.

Em relação às competências narrativas das crianças ainda não alfabetizadas, elas apresentam níveis muito mais elementares.

Os contos de fadas têm vários benefícios para as crianças com as situações que apresentam, pois elas divertem-se e desenvolvem a imaginação, proporcionando-lhes experiências que as vão pôr em contacto com os seus problemas reais. Por outro lado, os contos permitem às crianças ter uma perceção do mundo dos adultos para que possam resolver os seus problemas infantis.

Para Bruno Bettelheim (Bettelheim, 1985, p. 183) quem delimita o círculo da imaginação são os pais pois "... temem que contando aos filhos os fantásticos acontecimentos dos contos de fadas, lhes estejam a mentir." Segundo Bettelheim (1985) os contos de fadas permitem que as crianças saiam do mundo real para enfrentarem os problemas que encontram no seu interior e de que muitas vezes os pais não se apercebem. Isto é, faz com que as crianças reflitam, de forma inconsciente, sobre a ação das personagens e assim estabelecem a sua relação afetiva com o herói da história, imitando-o mais tarde, para resolver um problema que lhe tenha surgido.

Os contos de fadas são de fácil interpretação para as crianças pois as personagens ou são "boas" ou são "más".

## **Capítulo I – INVESTIGAÇÃO**

“Never trust anything that can think for itself if you can’t see where it keeps its brain.”

Mr. Weasley

Harry Potter and the Chamber of Secrets (Rowling, 2000)



## **1. Justificação e contextualização**

Como já referimos, esta investigação surge no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, integrada na disciplina de Prática Educativa I, em conjunto com o par pedagógico.

A leitura, por parte do adulto, e a audição de contos tradicionais e de contos de fadas, começam desde muito cedo. Muitos destes escutam-se em casa, a criança volta a ouvi-los no jardim-de-infância e segue com eles para a sua vida adulta. O contacto com estes contos, desde cedo, contribui para desenvolver o gosto pela leitura.

Alguns investigadores referem que os contos de fadas estão cheios de maldades e crueldades e que isso pode levar a que as crianças fiquem com os seus sentimentos feridos e afetam de forma negativa a maturação da criança, afastando-a da realidade em vez de a inserir nela.

Pires (2013) referem que o papel dos contos de fadas foi valorizado por Bruno Bettelheim (1985) na sua obra *Psicanálise dos Contos de Fadas*, e embora se tenha, em algumas partes, centrado na parte sexual dos contos de fadas, mostra ser um importante ponto de partida para um novo tipo de reflexão à volta destes contos.

Os contos de fadas, publicados por Perrault (1697), em França, e pelos Irmãos Grimm (1812), na Alemanha, tornaram-se internacionalmente conhecidos e marcam o início de publicações para crianças. Foram escritos numa prosa simples, como a dos narradores populares e artística, como a dos poetas.

Os contos de fadas continuam hoje em dia a ser adorados pelas crianças e estão guardados nas memórias dos adultos, que dantes foram crianças.

## 2. Problemas e questões de investigação

De forma a refletir sobre a importância dos contos de fadas para o desenvolvimento da imaginação das crianças, senti-me motivada para estudar o papel que os contos exercem nas suas vidas.

Como futura educadora, considero bastante importante a leitura de contos de fadas. Mesquita (2006) menciona que os contos de fadas são:

“Plenos de significado, com estrutura simples, histórias claras e personagens bem definidas nas suas características pessoais... atingem a mente da criança, entreendendo-a e estimulando a sua imaginação, como nenhum outro tipo de leitura talvez seja capaz de fazer. Ao mesmo tempo que os contos podem auxiliar a criança a superar conflitos, que são inerentes ao seu processo de desenvolvimento, constroem um sistema metafísico e simbólico”. (Pires, 2013, p. 166)

O presente estudo pretende responder ao problema de investigação: *“Qual a relação da criança com o herói da história do conto de fadas?”*

Este trabalho junto das crianças do Pré-Escolar pode promover uma reflexão sobre os conflitos que as personagens heróicas desencadeiam, bem como uma reflexão sobre as relações interpessoais.

Após a formulação do problema de investigação, foram definidos os objetivos de estudo:

- Compreender a contribuição que os contos de fadas têm no imaginário das crianças;
- Analisar os significados que as crianças atribuem aos heróis;
- Analisar o desenvolvimento das competências narrativas das crianças do Pré-Escolar.

Os contos de fadas exercitam a imaginação infantil e contribuem, desta forma, para a formação da personalidade da criança. Estes, transmitem à criança uma mensagem simples e estimulante: a luta contra as dificuldades da vida. Bruno Bettelheim (Bettelheim, 1985, p. 12) refere que:

“Uma vez que, em cada momento da sua vida, a criança é exposta à sociedade em que vive, ela aprenderá certamente a lidar com as condições, desde que os seus recursos interiores lhe permitam.”.

Bruno Bettelhiem (Bettelheim, 1985, p. 15) ainda acrescenta que:

“É aqui que os contos de fadas têm um valor ímpar, porque oferecem à imaginação da criança novas dimensões que seria impossível ela descobrir só por si. Mais: a forma e a estrutura dos contos de fadas sugerem à criança imagens através das quais ela pode estruturar os seus devaneios, e com isso orientar melhor a vida.”.

Uma vez que pretendemos explorar a reação das crianças em idade pré-escolar em relação aos heróis, decidimos explorar os contos de fadas, pois são agentes poderosos de estimulação na personalidade da criança, usam linguagem mágica que elas entendem e pudemos observar a forma como elas lidam com as personagens heróicas dos contos.

### **3. Enquadramento Teórico**

#### **3.1. Os contos tradicionais e os contos de fadas**

Desde sempre que se narraram contos que transmitiam valores culturais. O conto apresenta aspetos da vida social e do comportamento humano, com etapas cruciais da vida: o nascimento, o namoro, o casamento e até a morte.

Relativamente ao conto tradicional e ao desenvolvimento infantil, a perspetiva que se conhece melhor é a de Bruno Bettelheim (1985), autor da obra *Psicanálise dos Contos de Fadas*. O autor fez uma aproximação psicanalítica a estes textos e escolheu alguns contos para analisar essa perspetiva, pois considera que se relacionam com o inconsciente infantil e com certos aspetos do desenvolvimento psicológico e afetivo da criança.

Bettelheim refere que, o que distingue os contos de fadas das outras narrativas orais ou escritas, é a resolução final dos conflitos. Defende ainda que os contos de fadas fazem com que a criança saia do mundo real. Desta forma, permite que enfrente problemas que se encontrem interiorizados e consiga ultrapassar os seus traumas e algumas dificuldades.

O mesmo autor afirma ainda que a personalidade da criança vai progredindo pela fantasia porque:

- A inteligência vence o mal;
- A astúcia do fraco vence a força do forte;

- A alegria e o otimismo vencem a tristeza;
- A fantasia fornece à criança lições para o seu real;
- O bem vence o mal.

Conforme a organização social e as culturas, o conto vai oferecendo respostas. O conto também ensina que há perigos, dúvidas, problemas, dilemas e situações que podem ser ultrapassadas se forem enfrentadas com perseverança. O facto de as situações estarem descritas de forma simbólica faz com que o leitor e o ouvinte se sintam envolvidos no conto. Este facto leva-nos a referir que esta é uma característica que faz com que os contos passem de geração em geração, começando sempre da mesma forma, “Era uma vez...” e acabando em “e viveram felizes para sempre”. Os contos são sempre de narrativa fechada e com um final feliz.

Os contos utilizados no meu trabalho de investigação são todos de fadas, pois representam uma grande parte do *corpus* de contos para crianças.

Os contos de fadas começaram a ser ouvidos na alta sociedade em França, nos finais do século XVII, e o impulsionador foi Charles Perrault.

No século XVII, os contos de fadas eram apenas destinados a adultos de classes mais baixas, como por exemplo, lenhadores e camponeses, e sobretudo às mulheres que se divertiam a ouvi-los enquanto faziam as suas tarefas domésticas.

São vários os temas abordados pelos contos, como por exemplo: o amor, os medos, as dificuldades de se ser criança, as autodescobertas, as perdas, a solidão e a união.

Soares (2004), na sua obra *B.I. das Fadas e das Bruxas* refere que muitos destes contos são por vezes denominados de “contos de fadas” pois existe, a presença de um ser maravilhoso, embora nem sempre a fada esteja presente ou seja uma das personagens. Etimologicamente, a palavra fada (português) origina-se da palavra latina *fatum* (*fatare*, verbo: encantar; *fatum*, substantivo: destino, fatalidade, oráculo). (Soares, 2004, p. 5)

Na nossa imaginação, a fada é uma mulher jovem, de grande beleza, com vestidos compridos e longos, mas leves e de cores muito suaves. São seres fantásticos ou imaginários e têm sempre uma vinculação com representações do feminino. São também caracterizadas como seres que têm virtudes e poderes sobrenaturais, interferem no destino dos humanos ajudando-os nas alturas

complicadas. A elas esta associada a oportunidade da realização de sonhos, desejos e utopias. As fadas, quando ignoradas, podem tornar-se más e representam assim o mal, ou seja, são as bruxas. Desta forma Soares (2004, p. 19) refere que as fadas e as bruxas “permitem-nos não apenas ter acesso às fontes de maravilamentos, mas também mergulhar na aventura do conhecimento e do autoconhecimento.”

O enredo do conto de fadas apresenta as dificuldades que o herói necessita de ultrapassar para atingir a sua autorrealização existencial, quer seja para encontrar o seu verdadeiro “eu” ou a princesa.

Até aos dias de hoje os contos de fadas têm um enorme poder de sedução, especialmente no público infantil, mas é graças à literatura de transmissão oral que o maravilhoso continua a existir ao longo dos tempos.

Muitos dos contos têm possibilidades terapêuticas para as crianças e não é por acaso que começam por “Era uma vez...”. O facto de o conto começar desta forma, leva-nos a crer que o que vai ser narrado já aconteceu há muito tempo e assim a criança sente-se segura. Os contos têm uma característica importante, que é a metáfora, ou seja, apresentam os conflitos principais a partir de símbolos e a abordagem indireta protege a criança à medida que esta acompanha o desenrolar do enredo e dos heróis, o que a deixa tranquila.

### **3.2. As crianças em idade pré-escolar e os contos de fadas**

É na idade pré-escolar, por volta dos quatro anos, que a fantasia e a imaginação influenciam o pensamento infantil e a capacidade de simbolização. A criança nesta idade já consegue separar a realidade do imaginário e começa a brincar ao faz-de-conta.

Para Piaget (citado por Papalia, E., Olds, S. e Feldman, R., 2001) esta etapa de desenvolvimento psíquico é uma fase egocêntrica. Nesta fase de desenvolvimento, a função simbólica do pensamento encontra no jogo simbólico a sua expressão mais completa. Aqui começa o pensamento concetual da criança e o jogo imaginário da criança, a verbalização, a imitação diferida, aparecem então como nova dimensão mais reveladora da atividade da criança.

A fantasia e a realidade é o confronto entre o maravilhoso e o real nos livros infantis e tem-se exposto como uma questão pertinente na problemática da literatura para crianças. O ingrediente principal da fantasia é o maravilhoso. Assim, a fantasia

é um elemento essencial na criação da personalidade, processo que é individual e social. António Quadros (1972, p. 30) refere:

“O estímulo à imaginação pela narrativa maravilhosa... é uma verdadeira pedagogia da criatividade – que terá reflexos mais tarde não só no sentido da liberdade do homem adulto perante os sistemas mecanicistas que o rodeiam, como na invenção científica, no pensamento filosófico e na criação artística e poética.”

### **3.3. O herói e outras personagens dos contos de fadas**

Nos contos de fadas existem personagens com quem as crianças se identificam e que as ajudam a ultrapassar as suas dificuldades interiores. Muitas das vezes as crianças identificam-se com o herói da história. Bettelhiem (1985, p. 103) refere que:

“Por si só, a criança ainda não é capaz de ordenar e dar sentido aos seus processos interiores. Os contos de fadas oferecem personagens nas quais ela pode exteriorizar o que se passa no seu espírito, por meios controláveis.” (p. 103)

Segundo o mesmo autor, os contos de fadas mostram à criança que ela pode personalizar os seus desejos arrasadores numa só personagem, ou mais, conforme as suas necessidades do momento.

Ao existirem várias personagens num conto, a criança identifica-se com o herói ou com o seu auxiliar. O auxiliar tem características diferentes das do herói, pois possui capacidades para o ajudar a ultrapassar obstáculos. É por esta razão que muitas meninas sonham em ser fadas e muitos meninos sonham ser feiticeiros.

Pedrosa (2005/2006, p. 217) menciona algumas características que diferem o herói do seu ajudante:

“ - Se o herói é humano, o auxiliar pode ser divino (uma divindade ou um santo protetor). Quer dizer, um ser superior com capacidades sobrenaturais.

- Se o herói é humano, o auxiliar pode ser um animal (recordar os casos de Pégaso...).”

Para que o herói saia vencedor, é certo que tem de ter sempre um auxiliar. Normalmente, o auxiliar, oferece ao herói várias capacidades que ele não possui. Em alguns contos de fadas há sempre um oponente que dificulta a vida ao herói, criando obstáculos que este terá de vencer para chegar ao fim da sua viagem.

Tal como o auxiliar do herói, o oponente tem características diferentes das do herói. Mais uma vez Pedrosa (2005/2006, p. 219) menciona algumas dessas características:

“ – Se o herói é humano, o oponente pode ser uma divindade do mal, quer dizer, uma espécie de diabo, demónio ou divindade maléfica ou destrutiva. Ou seja, um ser inferior, mas com poderes sobre-humanos.

- Se o herói é humano, o oponente pode ser um animal, um ser selvagem ou um monstro (um tigre, um leão, um dragão, um gigante, um ser híbrido, afastado dos espaços da civilização, tipo as sereias, Medusa, etc.). Ou seja, outro ser inferior, mas com poderes sobre-humanos.”

Podemos, assim, concluir que o oponente e o auxiliar são duas personagens fundamentais nos contos de fadas. Enquanto o auxiliar tem capacidades muito diferentes das do herói, o oponente, embora também tendo poderes sobrenaturais, ao mesmo tempo, tem alguns traços complementares às do herói. Por exemplo: de espécie (animal selvagem/ humano), de género (homem/mulher), de idade (jovem/ velho), e capacidades (mago ou não), etc. As relações entre estas personagens são sempre articuladas entre estes três tipos de personagens, de modo a que pareça que se ajustam de uma forma lógica e estruturada.

### **3.4. A função da fantasia na Infância**

A fantasia na infância tem uma função importante, pois as crianças aprendem e desenvolvem-se, usando-a.

A fantasia ajuda a criança a entender o que se passa ao seu redor, contribuindo para a formação da sua personalidade.

A criança expressa as preocupações através das personagens que escolhe e das brincadeiras e das histórias que cria.

A fantasia e a brincadeira contribuem, pois, para que a criança reconheça os seus sentimentos. A fantasia varia conforme a idade.

No início da vida, a criança aprende muito através da imitação. Já com dois ou três anos, a tendência a imitar é substituída pelo desejo de se tornar igual à pessoa com quem mais se relaciona. Porém, nesta idade, já tem noção de fantasia e de realidade e à medida que vai crescendo, maior é esta noção de limites entre a ficção e o mundo real.

À medida que os seus conhecimentos e as experiências aumentam, a criança passa a ser capaz de ampliar o seu poder de fantasia: pedaços de folhas podem ser transformados em comida. Entre os cinco e oito anos, quando a criança possui a capacidade de simbolização mais formada, passa a ter necessidade de ter um objeto para poder fantasiar.

### **3.4.1. A fantasia vs a Realidade**

A fantasia e a realidade estão relacionadas com o id (necessidade de satisfazer algo prazeroso) e o ego. Os contos que envolvem estas duas componentes são contos antagónicos e referem-se à mesma pessoa, ou seja, uma parte é empurrada para se escapar para um mundo longínquo de aventura e fantasia, enquanto a outra parte fica presa ao comum e prático; como refere Bruno Bettelheim (1985, p. 132) “o seu id e o seu ego, a manifestação do princípio da realidade e o princípio do prazer.”

A importância dos contos de fadas é que permite às crianças uma escapatória para uma vida mais alegre e cheia de aventuras; uma vez de volta à realidade a vida é “mais difícil”. Bruno Bettelheim (1985, p. 133) refere que “enquanto formos vivos, há dois aspetos da nossa existência... levando um deles, na realidade, uma vida difícil, e o outro uma vida de aventuras fantásticas”.

À medida que vão crescendo, as crianças vão tomando conta da realidade que está à sua volta e uma forma que encontram para ultrapassar os obstáculos que se cruzam no seu caminho é procurar uma identificação afetiva com os heróis das histórias, como forma de resolver o seu obstáculo/conflito. Na maioria das vezes este facto é induzido pelo sentimento de tristeza e, assim, a criança começa a idealizar fantasias em que se envolve para escapar à realidade dura da vida. Desta forma:

“O ego exausto pelas suas tarefas, permite-se ser subjugado pelo id. O id, em contraste com o ego orientado para a realidade, é a sede dos mais desenfreados desejos, que só podem conduzir à satisfação ou ao perigo externo. Depois de o id ter dominado durante algum tempo, o ego volta a impor-se,... regressa à dura vida de trabalho diário. (Bettelheim, 1985, p. 134)

Um conto que faz o confronto entre a fantasia e a realidade é “*Sinbad o Marinheiro*” em que um mercador faz viagens perigosas, mas volta sempre com tesouros para casa. Sinbad é um mercador triste com a sua vida (realidade) e recorre às histórias de heroísmo para ser mais feliz (fantasia).

### 3.4.2. O Medo da Fantasia

Porque será que os contos de fadas se extinguiram? Esta questão pode ter como resposta: “Porque os pais... depreciam o valor dos contos de fadas... não retratam quadros “reais” da vida tal como ela é ... e que contando aos filhos os fantásticos acontecimentos dos contos de fadas lhes estejam a “mentir.”” (Bettelheim, 1985, p. 183) Isto surge porque “A sua preocupação é alimentada pela criança que pergunta: Isto é verdade?” e, embora muitos contos de fadas digam no início qual é o fim da história, há outros, em que as crianças têm de ouvir até ao final para descobrir se a história é “verdade” ou “mentira”. Esta “mentira” é aquela que os pais não querem fomentar nas crianças. A criança sabe logo no início do conto se a história é recente ou se se desenrola no passado, pois têm essa referência quando a história começa, ou seja, quando no início os pais ou as educadoras leem: “Em tempos que já lá vão...” ou “Era uma vez...”. Contudo “... a criança familiarizada com os cantos de fadas alarga sempre no seu espírito os “tempos que já lá vão”, para que estes signifiquem “na terra da fantasia.”” (Bettelheim, 1985, p. 184)

Em relação ao herói, a única preocupação da criança é saber se ele é “bom” ou “mau”, pois preocupa-se mais em entender o certo ou o errado. A criança tem necessidade de fazer estas perguntas pois é a partir delas, e da sua relação com o herói, que ela vai formando a sua personalidade e vai fazendo a ligação com a realidade para poder comparar e ver se a “história contribui com qualquer coisa de importante para o seu entendimento e se a história tem qualquer coisa de significativo relativamente às suas preocupações.” (Bettelheim, 1985, p. 184) São estas preocupações que criam na criança a capacidade de conseguir distinguir a verdade da mentira.

### 3.4.3. Ultrapassar a infância com ajuda da fantasia

Quando a criança começa a ser tentada por um mundo mais amplo, repara que o seu mundo não se limita a ela e aos seus pais. Desta forma, começa a desligar-se deles, que eram, até agora, o seu amparo físico e psicológico.

Ao contactar com outras pessoas, que não aquelas do seu meio familiar mais chegado, a criança vai sentir uma certa desilusão em relação aos pais, pois estes “não estão à altura das expectativas infantis que ela formou deles, ela fica física e

mentalmente em condições de dar provimento a algumas das suas necessidades.”. (Bettelheim, 1985, p. 194)

Esta decepção surge porque os pais sentem que chegou a altura de a criança fazer as coisas sozinha, em vez de ajudá-la. Esta é uma das maiores decepções da vida da criança. Assim sendo, “... a criança fica tão indignada com os seus pais que se aventura a procurar satisfação noutro lugar” e “precisa de satisfações fantasiosas para não desistir desesperada”. (Bettelheim, 1985, p. 195)

Embora a criança faça conquistas, estas vão ser superadas pelos seus fracassos e a criança pode assim “...retirar-se completamente para dentro de si própria, fora do mundo, a menos que a fantasia venha em seu socorro.”. (Bettelheim, 1985, p. 196) Nesta fase importante da vida da criança entra a fantasia que a pode ajudar a vencer os seus medos e as suas frustrações.

### **3.5. As Bruxas e as Fadas no imaginário infantil**

Desde que surgiu, no século XVIII, a figura da bruxa é constante na literatura infantil e integra uma das mais populares criações do imaginário. São representadas como sendo predominantemente do sexo feminino, associadas a mulheres sábias e detentoras de conhecimentos sobre a Natureza. Ainda hoje, a figura da bruxa corresponde à imagem criada na tradição oral mais antiga: são más, voam em vassoura à noite, particularmente em noites de lua cheia, fazem feitiços, transformam as pessoas em animais e têm uma verruga no nariz. A existência desta personagem remonta essencialmente à Idade Média.

Como refere Gonçalves: (2011, p. 20)

“A prática da feitiçaria maléfica e demoníaca estava ligada à essência feminina “toda a mulher poderia ser uma feiticeira em potência. Mulher que vivesse sozinha, fosse solteira ou viúva e que quisesse aprender a ler e a escrever, ou intervir na vida social, mais facilmente poderia ser considerada uma bruxa. A mulher detentora de segredos da medicina empírica era um alvo perfeito para os inquisidores, que se convenciam que estes ensinamentos eram transmitidos pelo Diabo.”.

Tal como referi, o herói necessita sempre de um auxiliar. Normalmente são sempre fadas. Por outro lado existe o oponente, que são as bruxas, e dificultam a tarefa ao herói para chegar ao sucesso. Posto isto, podemos dizer que as fadas são

mediadores, ou seja, proporcionam a realização dos sonhos humanos, e que as bruxas são os opositores, ou seja, funcionam como obstáculos a serem superados para que os desejos se realizem.

Associamos as fadas a seres maravilhosos que interferem no destino dos humanos, por forma a tornarem-no melhor e longe de angústias. Contudo, se forem menosprezadas ou contrariadas, são associadas a forças maléficas trazendo má sorte para os humanos.

Fadas e Bruxas são comparadas a dois aspetos do ser humano – o luminoso, que é o bem, e o tenebroso, que é o mal.

Nos contos tradicionais imperava o esquema Bem (Fada) e Mal (Bruxa), mas nos atuais, Vasconcelos (citado por Soares (2004) p.4) diz que, “tais opostos se mesclam, sugerindo que de fada e de bruxa todos nós temos um pouco”.

Soares (2004, pp. 4-5) diz que “Apesar de, no nosso mundo actual ainda haver quem acredite em seres mágicos, esta espécie encontra-se quase em extinção, e o maravilhoso hoje sobrevive praticamente restrito ao imaginário infantil (e ao dos adultos que souberam crescer trazendo a sua criança consigo). Mas felizmente, enquanto existirem poetas, sonhadores, visionários, contadores de histórias e – sobretudo – crianças, esses seres continuarão a existir.”

É impossível determinar a origem das fadas e quando nasceram, mas a crença na sua existência indica-nos que foi na aurora da humanidade, tempo em que o pensamento da magia ainda movia os povos. Como as fadas são seres presentes em várias tradições, torna-se muito difícil definir um único local de nascimento e Soares (2004, p. 9) menciona que “Outros ainda defendem que elas vivem no mundo... só algumas pessoas conseguem vê-las, através de um sentido mais subtil que o da visão: a clarividência...”.

As fadas e as bruxas são predominantemente do sexo feminino, encontrando apenas alguma referência a estes seres no masculino.

As fadas e as bruxas são seres associados ao sexo feminino porque: “[a mulher] é uma força primordial e, ao mesmo tempo, temida e por isso mesmo continuamente dominada pelo homem. As fadas simbolizariam talvez a face positiva e luminosa dessa força feminina essencial: o seu poder de dispor da Vida, de conter em si o futuro. (Lembremo-nos de que a principal missão das fadas nas estórias

infantis é prever e prover o futuro de algum ser). O reverso seria a face frustradora: a de Bruxa – a mulher que corta o fio do destino, frustra a realização do ser.” (Coelho, 1984, p. 125)

## **Capítulo II – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO**

“Help will always be given at Hogwarts, Harry, to those who ask for it. But I would, in this case, amend my original statement to this: "Help would always be given at Hogwarts to those who deserve it."- Albus Dumbledore (Rowling, Harry Potter and the Deadly Hallows, 2007)



## **1. Fundamentação e descrição dos processos metodológicos**

A presente investigação enquadra-se no estágio do pré-escolar e decorreu entre 2 de novembro de 2015 e 28 de abril de 2016, em situação de par pedagógico.

Como destaca Lorrierri (2004, p. 69):

“Investigar é buscar soluções; é procurar saber como é, como corre, como se faz e como se resolve um problema. É buscar explicações e saber como repetir ou fazer, mas pode ser busca do fazer diferente e, de preferência, para fazer melhor. Investigar é pesquisar, é procurar dar-se conta das relações que produzem determinado facto, objeto ou situação e promover novas relações tendo em vista novos factos, objetos ou situações.”.

A investigação educacional utiliza várias metodologias com pertinência e rigor científico. Consoante a temática em análise, o investigador fará uma seleção das orientações metodológicas que considerar mais adequadas para o desenvolvimento da sua investigação.

Para o desenvolvimento do presente tema e segundo os objetivos definidos, a pesquisa desenvolveu-se segundo uma metodologia de investigação qualitativa.

“Pretende-se que a descrição seja rigorosa e resulte diretamente dos dados recolhidos. Os investigadores analisam as notas em trabalho de campo, os dados recolhidos, respeitando, tanto quanto possível, a forma segundo a qual foram registados ou transcritos. (Carmo e Ferreira, 1998, p.16)

### **1.1. Descrição dos processos metodológicos**

Para realizar a investigação tiveram-se em conta os seguintes passos:

- Planificação das atividades de investigação-ação;
- Elaboração dos recursos didáticos a serem utilizados nas atividades programadas para a investigação;
- Recolha de dados;
- Análise dos resultados.

Os dados recolhidos decorreram de formas de comunicação verbal (escrita e oral). Para Denzin e Lincoln (2000), numa investigação qualitativa, a fase da análise e interpretação dos dados que foram recolhidos devem levar o investigador a ter em

conta o respeito por determinados procedimentos de análise que certifiquem que as percepções, os relatos e leituras das situações foram adequados.

No que se refere à análise dos dados recolhidos, de natureza qualitativa, eles permitiram descrever, analisar e interpretar os fenómenos de interesse que estavam associados ao problema e às questões orientadoras da investigação. A análise de dados é o processo de interpretação e organização sistemática dos materiais que foram recolhidos ao longo da investigação.

Para completar a nossa metodologia, serão apresentadas a análise de conteúdo e a discussão dos resultados, bem como as conclusões sobre os resultados.

### **1.2. Participantes no estudo**

Para a concretização deste estudo, foi selecionado um grupo de crianças de 4 e 5 anos, que frequentavam a Creche/Jardim de Infância “O Caracol”, em Coimbra. Fizeram parte deste estudo as vinte e duas crianças, sendo que nem todas participaram nas sessões.

Durante as sessões algumas crianças destacaram-se mais do que outras e de forma bastante ativa. Mostraram boa capacidade de raciocínio e memorização. As crianças mais tímidas e com menos atenção mostraram-se menos participativas.

Evidencia-se, também, a importância da educadora cooperante, que sempre se disponibilizou para colaborar em toda esta investigação.

### **1.3. Procedimentos de recolha e tratamento de dados**

Para dar cumprimento à investigação que nos propusemos, foram selecionados dois contos: *A Casinha de Chocolate*, na versão dos Irmãos Grimm, e *A Bela e o Monstro*, de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont.

No âmbito de uma investigação, segundo a metodologia investigação-ação, é sempre necessário considerar as formas de recolher informação que a própria investigação vai exigindo.

Segundo Latorre (2005), (citado por Coutinho et al. (2009, p. 373)):

“No caso do professor/investigador, este tem que ir recolhendo informação sobre a sua própria ação ou intervenção, no sentido de ver com mais distanciamento os efeitos da sua prática letiva, tendo, para isso, que refinar de um modo sistemático e intencional o seu “olhar” sobre os aspetos acessórios ou redundantes da realidade

que está a estudar, reduzindo o processo a um sistema de representação que se torne mais fácil de analisar, facilitando assim, a fase de reflexão.”

Para executarmos esta investigação utilizámos como métodos de recolha de dados, a observação participante, as notas de campo, fotografias, análise documental, e ainda, os trabalhos realizados pelo grupo (desenhos).

Segundo Bogdam & Biklen (1994), existem dois tipos de observação: observação participante e observação não participante. A observação participante consiste na interação que existe entre o observador e os sujeitos e é o mecanismo mais usado para a recolha de dados pois auxilia no processo de compreensão das atitudes, comportamentos e opiniões dos sujeitos, permitindo uma descrição mais completa. Na observação não participante, o observador não interage de forma alguma com o objeto de estudo no momento em que realiza a observação.

Como resultado da observação efetuámos um registo de notas de campo, baseadas essencialmente na observação das crianças e nos seus respetivos comentários. Apesar do debate não ser uma técnica muito usada no ramo da investigação, ela deu-nos a oportunidade de trocar ideias, permitindo que os sujeitos refletissem sobre determinado assunto comum.

#### **1.4. Princípios éticos**

O investigador deve ter em conta princípios éticos. Assim, perante investigações que envolvam seres humanos, deve-se ter em conta três princípios básicos da ética: o respeito pelo outro: garantindo que cada indivíduo é tratado como um ser único e que deve ter a sua identidade protegida; a beneficência – qualquer pessoa deve ter o seu bem-estar garantido durante a investigação; a justiça - princípio que assenta no tratamento igualitário.

Para garantir estes princípios éticos, foram entregues declarações a todos os pais das crianças com um pedido de autorização para a recolha dos dados necessários.

Consideramos importante que o investigador seja autêntico e fiel na apresentação dos resultados, apresentando o que os dados contemplam, mesmo que estes não o conduzam aos resultados expectáveis.

## **2. Recolha de dados**

### **2.1. Observação**

A observação é uma técnica fulcral no processo de investigação qualitativa, que nos permite estudar os comportamentos não-verbais. Por conseguinte, a observação é um meio indispensável para entender e interpretar a realidade social.

Observar é, citando (Ferreira, 1998, p. 97):

“ (...) selecionar informação pertinente, através dos órgãos sensoriais e com recurso à teoria e à metodologia científica, a fim de poder descrever, interpretar e agir sobre a realidade em questão”.

Serrano (1994, p. 107) diz que a principal vantagem da observação consiste em o observador conseguir dedicar toda a sua atenção ao mesmo tempo que os fenómenos ocorrem.

Para a recolha de dados recorreremos à observação participante.

Serrano (1994) refere também que:

“ (...) o investigador deverá assumir explicitamente o seu papel de estudioso junto da população observada, combinando-o com outros papéis sociais cujo posicionamento lhe permita um bom posto de observação. Como o desempenho desses papéis o faz de algum modo participar da vida da população observada, dá-se a esta técnica o nome de observação participante.”

Desta forma, a observação participante é dinâmica e envolvente, e vai evoluindo de uma fase mais descritiva para uma fase mais focalizada em determinadas situações e/ou acontecimentos.

### **2.2. Notas de campo**

As notas de campo permitem que o observador registe os dados que vai recolhendo no desenrolar da sua investigação, redigindo não só os pormenores que observa como também as próprias reflexões pessoais.

Máximo-Esteves (2008) menciona que as notas de campo podem tomar-se no momento em que acontecem e/ou no momentos após a ocorrência. Desta forma, elas são úteis pois permitem o armazenamento e recuperação da informação, uma vez que não é possível recordar todas as informações captadas.

As notas de campo, para além da sua função na recolha de dados, auxiliam-nos também a criá-los e a analisá-los permitindo-nos uma melhor orientação da investigação.

As notas de campo têm como vantagens garantir que a informação obtida não se perca, esteja sempre disponível e o investigador pode utilizá-las sempre que necessário.

### **2.3. Registo fotográfico e áudio**

O registo fotográfico possibilitou-nos registar e captar vários pormenores referentes às crianças e às diferentes atividades desenvolvidas. Alguns registos áudio permitiram uma análise mais profunda e uma melhor avaliação das sessões desenvolvidas, podendo retirar conclusões importantes ou complementar o estudo.

### **2.4. Registo gráfico (desenhos)**

Ao longo de todo o estudo, recolhemos vários desenhos (registos) produzidos pelas crianças. Estes registos são indispensáveis, pois permitem recolher informação bastante relevante.

No próximo capítulo será realizada a descrição detalhada das atividades ao longo da investigação, sendo apresentados alguns desses registos, análise e conclusões.

No estudo, usámos como registo gráfico os desenhos, todos realizados pelos participantes.



### **Capítulo III – DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA EDUCATIVA**

“The thing about growing up with Fred and George," said Ginny thoughtfully, "is that you sort of start thinking anything's possible if you've got enough nerve.” - Ginny Weasley (Rowling, Harry Potter and the Order of the Phoenix, 2003)



## **1. Contextualização da Prática Educativa em Educação Pré-Escolar**

A prática educativa é fundamental na construção do perfil profissional do educador. Segundo Freire (2001), o estágio surge como emancipação profissional, uma vez que valoriza os processos de desenvolvimento profissional e cognitivo das pessoas envolvidas na relação de ensino e de aprendizagem. Assim, há a necessidade de formar um profissional crítico-reflexivo, que exercite a prática investigativa, tendo como objetivo a compreensão da realidade e o desenvolvimento dos alunos.

Numa primeira parte do Relatório de Estágio apresentamos a organização e o modo como se desenvolveu a Prática Educativa em Educação Pré-Escolar que decorreu de novembro de 2015 a maio de 2016, na Creche/Jardim de Infância “O Caracol”, em Coimbra. A prática desenvolveu-se junto de um grupo de 22 crianças que tinham 4 e 5 anos de idade.

Deste estágio resultaram aprendizagens acrescidas e oportunidades de atividades colaborativas que se tornaram possíveis através de um trabalho em par e organizado.

A Educação Pré-Escolar refere-se a crianças entre os três e cinco anos de idade, ou seja, até alcançarem a idade para ingressar no 1º Ciclo do Ensino Básico.

De acordo com a Lei – Quadro da Educação Pré-Escolar de 1997, esta é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário.

A Prática Educativa desenvolveu-se em três fases distintas: a fase de observação, a fase de implementação e a fase de reflexão. A primeira fase diz respeito à contextualização e à observação, tendo como objetivo conhecer o grupo de crianças com que vamos trabalhar, o meio envolvente, docentes e funcionários inseridos no mesmo.

Como afirmam as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016) é necessário observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades e recolher as informações acerca do contexto familiar e o

meio onde as crianças vivem. Desta forma será mais fácil compreender as características das crianças e adequar o processo educativo às suas aprendizagens.

A segunda fase correspondeu à planificação e implementação de várias atividades lúdicas e didáticas, em que o objetivo foi proporcionar às crianças novas aprendizagens, estimulantes e criativas, de forma a adquirirem novos conhecimentos.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016), cabe ao educador proporcionar situações de aprendizagem que sejam desafiadoras de modo a estimular a criança.

A terceira fase permitiu fazer uma reflexão sobre o trabalho realizado com o grupo de crianças ao longo destes sete meses de estágio.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016) é na educação pré-escolar que são criadas as condições necessárias à aprendizagem contínua, uma vez que na educação pré-escolar as crianças aprendem a aprender.

A organização deste capítulo apresenta-se em três partes essenciais: a caracterização da instituição, a fase de observação que decorreu ao longo de quatro semanas, e a prática individual que durou onze semanas, sendo alternado com o par pedagógico e as atividades do projeto educativo estabelecidos na planificação anual da educadora cooperante.

### **1.1. Caracterização do contexto educativo**

O conhecimento dos contextos em que a criança está inserida é essencial para que se coloque em ação o que se defende, adequando ao grupo de crianças com que se vai trabalhar, e de forma a organizar um ambiente educativo facilitador do desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

#### **1.1.2. Caracterização da instituição**

A instituição está organizada em 3 salas de creche e 5 salas de jardim-de-infância, com capacidade para receber aproximadamente 190 crianças. Tem espaços de apoio interiores como seja cozinha, refeitório, dormitórios, ginásio, salão polivalente, quer espaços exteriores como campo de futebol, com relva sintética, terraços, parque infantil e horta pedagógica.

A equipa pedagógica planeia o seu trabalho para posteriormente avaliar o seu processo e os efeitos no desenvolvimento das crianças, privilegiando uma pedagogia

baseada em práticas com sentido para as crianças, valorizando o caráter lúdico das aprendizagens.

Tem como finalidades educativas garantir a qualidade, promover a autoestima e autoconfiança, respeitar a criança como ser individual, integrar a criança de forma alegre e harmoniosa, despertando a sua curiosidade e criatividade, educando-a como um todo. Privilegiam a relação Escola-Pais, Pais-Escola, pois estes são dois contextos sociais que contribuem para a educação harmoniosa da criança.

### **1.1.3. Caracterização dos Espaços Educativos**

De acordo com o Projeto Educativo da instituição, é de grande importância a organização do espaço educativo para que as crianças o tenham estruturado e saibam qual o seu espaço, para que serve e também quais os espaços que podem e devem partilhar com as outras crianças de faixa etária distinta.

Moura (2009, p.19), citando Froebel (2002) e Montessori (1965), refere que estes autores “já priorizavam a ideia de organização do espaço no contexto da educação da criança. A organização do espaço integrava, com primazia, as suas metodologias de ensino. Tal organização deveria respeitar as necessidades infantis. Esses educadores foram os primeiros a reconhecer a importância do espaço na vida das crianças.”

### **1.1.4. Caracterização da sala de atividades**

O espaço da Sala Amarela é bem organizado, respondendo a todas as necessidades das crianças, de modo a que estas se sintam confortáveis no ambiente que oferece.

A sala é composta por diversos espaços lúdicos, também denominados por áreas ou cantinhos, que convidam a criança à brincadeira e à realização de variadas atividades, sendo elas:

- Área da comunicação – espaço onde as crianças ouvem histórias, cantam, conversam;
- Área do faz de conta – espaço onde as crianças representam a realidade que conhecem, sendo este espaço composto por cozinha e berçário;

- Área da garagem e bancada de carpinteiro – o primeiro espaço oferece às crianças variados veículos de diversos tamanhos e o segundo é constituído por uma bancada com martelos, com imitações de madeira e parafusos;
- Área da expressão plástica – espaço onde as crianças experimentam e exploram os diversos materiais básicos da expressão plástica.

Os materiais existentes são todos acessíveis às crianças, para que estas os manuseiem autonomamente.

O espaço está sujeito a eventuais alterações, tendo sempre em conta a importância de uma coerente gestão espacial no desenvolvimento global e equilibrado das crianças.

#### **1.1.5. Caracterização do Grupo**

O grupo da sala Amarela é constituído por 22 crianças, sendo 14 do sexo masculino e 8 do sexo feminino.

É um grupo heterogéneo, com idades compreendidas entre os 4 e 5 anos, bastante ativo e tem diferentes formas de demonstrar os seus sentimentos.

No grupo há duas crianças que são adotadas e uma delas tem défice de atenção. No entanto, as crianças convivem bem umas com as outras, brincando sempre em harmonia.

Todas as crianças de 4 anos dormem e apenas 3, de cinco anos, é que dormem.

Todo o grupo tem ginástica e música, sendo uma atividade à segunda-feira e a outra à terça. Há ainda duas meninas quem têm ballet e 13 têm piscina, ambas à quinta- feira, sendo o ballet de manhã e a piscina à tarde.

#### **1.2. Organização da Prática Educativa em Educação Pré-Escolar**

A prática educativa foi realizada em situação de par pedagógico, sendo desde o princípio delineados os objetivos a alcançar. Estes encontram-se definidos e descritos no programa da unidade curricular Prática Educativa I.

Para alcançar estes objetivos, desenvolveram-se diversas atividades e elaboraram-se planificações diversificadas. Para que houvesse uma boa organização ao longo da prática, foi-nos entregue um documento que especificava as várias semanas de trabalho. (Anexo 1)

A prática desenvolveu-se durante vinte semanas que foram divididas em quatro fases. A primeira fase foi de quatro semanas de observação; a segunda também foi de quatro semanas mas de atividades pontuais; a terceira correspondeu a onze semanas de atividades semanais e a quarta fase foi uma semana de reflexão.

Durante as vinte semanas de estágio algumas atividades foram feitas em par pedagógico. As atividades pontuais realizadas estiveram sempre de acordo com o tema do projeto educativo da instituição e foram sempre elaboradas em conceito par pedagógico. Em todas as semanas houve sempre uma reunião em que a educadora cooperante nos informava da sua planificação para a semana seguinte. De seguida, entregávamos, antecipadamente, a planificação semanal com as atividades que iríamos fazer durante a semana. Para finalizar, implementávamos as atividades propostas e refletíamos com a educadora acerca das mesmas. Estas atividades estavam sempre inseridas com o tema do projeto educativo “Por Coimbra Tudo – Lendas e Tradições”.

As semanas de implementação individual tinham como objetivo que uma das alunas desempenhasse o papel de educadora, tornando-se a responsável pela preparação e o desenrolar de todas as atividades, enquanto a colega de prática, que não estava a trabalhar nessa semana, tinha como função auxiliar a colega do par pedagógico, sempre que necessário.

A prática educativa decorreu durante três dias por semana, de quarta-feira a sexta-feira, das 9h00 às 15h30.

No final da prática em educação pré-escolar, foi entregue um dossiê à Professora Supervisora, elaborado de forma individual, com todos os materiais utilizados, ou seja, documentos fornecidos pela educadora cooperante, planificações em par pedagógico e individuais, reflexões, registos fotográficos, anexos, entre outros.

## **2. Desenvolvimento da Prática Educativa em Educação Pré-Escolar**

### **2.1. Registos de observação**

Durante as quatro semanas de observação pudemos observar o contexto educativo em que estávamos inseridas. Desta forma, foi-nos possível atentar a prática da educadora cooperante, as suas rotinas e as das crianças, as atividades desenvolvidas, o grupo, entre outros aspetos importantes. Este período foi fulcral, na medida em que permitiu não só observar e recolher muitos dados importantes para a nossa prática no futuro, bem como conhecer melhor o meio e as crianças com as quais iríamos trabalhar nos próximos meses.

Assim, no decorrer do dia íamos registando alguns aspetos importantes observados, as atividades realizadas e colocávamos algumas questões/dúvidas à educadora cooperante.

Nestas quatro semanas existiram oportunidades para participar em algumas atividades o que nos permitiu uma aproximação às crianças. Pudemos verificar que ao longo deste período a educadora cooperante, para acalmar as crianças, tinha como estratégia sentar-se de “pernas à chinês” colocar as mãos em cima dos joelhos e fazer silêncio e, posteriormente, o grupo imitava os gestos. Esta foi uma estratégia importante para a nossa prática individual.

### **2.2. Prática Individual**

Na educação de infância, o relacionamento entre o educador/a e a criança é a base para o processo e o sucesso nas aprendizagens realizadas. Esta relação é facilitadora de inserção da criança no grupo e favorece o seu relacionamento com as outras. É com carinho que as aprendizagens das crianças começam e a empatia entre criança e educador/a funciona como modelo para ela, promovendo comportamentos de ajuda e de cuidados para com os outros.

Deste modo, durante a prática foi possível desenvolver uma postura de valorização de cada criança como ser individual e adotar uma postura de educadora reflexiva (Alarcão, 1995), como pessoa e profissional, definindo a minha visão perante a criança, o porquê e como ajudar, os valores pelos quais me guio, o que considero prioritário e refletir se estou a seguir o caminho certo.

Neste relatório damos uma especial atenção à leitura, pois foi essencial nas semanas da prática individual.

Bastos (1999, p. 36 e 72), refere que o “importante papel socializador desempenhado pela literatura em geral, e pela literatura infanto-juvenil em particular, ao apresentar modelos e valores numa fase fundamental na construção da personalidade do jovem leitor” e defende ainda que “o prazer de ler tem como primeiro tempo indispensável o prazer do contacto com alguém e o prazer de o ouvir contar”.

As histórias não são factos verídicos e como Dohme (2000, p. 19) refere é “por meio das histórias, que os meninos defrontam-se com situações fictícias e percebem as várias alternativas que elas oferecem, podendo antever as consequências que a decisão por cada uma delas trará. Com isso adquirem vivência e referências para montar os seus próprios valores”. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016, p. 70) é ainda “através dos livros, que as crianças descobrem o prazer da leitura e desenvolvem a sensibilidade estética.”.

Uma vez que vivemos num país em que cada vez mais cedo se inicia a escolarização é de salientar que “talvez nenhuma outra atividade seja tao importante para a emergente literacia da criança do que a leitura que um adulto ou amigo lhe fizer” ( Hohmann D. e Weikart, M, 1997, p. 546). Manzano (1988) defende que quando se desperta na criança o interesse pela obra literária, oferece-se-lhe uma excelente base para o diálogo, a ação imaginativa e sensorial. Assim, ao desenvolvermos as nossas competências profissionais tivemos oportunidade de criar momentos de promoção de gosto pela leitura.

A ajuda disponibilizada pela educadora cooperante foi essencial para que as atividades propostas fossem implementadas com sucesso. Contudo, a criação de atividades e o desenrolar das mesmas foi realizada de forma autónoma.

Em relação às atividades, podemos referir que foram criativas e desafiadoras, proporcionando novas experiências e a descoberta através da manipulação de vários materiais. Desta forma, tivemos sempre em conta a teoria das aprendizagens significativas desenvolvida por Ausubel (1980, p.51), em que devem existir situações que promovam aprendizagens significativas para as crianças referindo “(...) na aprendizagem ativa significativa (...) a criança relaciona não arbitrária e

substantivamente as proposições e soluções de problemas à sua estrutura cognitiva - não com o objetivo de compreender e memorizar seu conteúdo (...), mas com o objetivo de transformá-lo (...) em modos alternativos de raciocínio que são potencialmente significativos.”.

No decorrer das onze semanas tive oportunidade de trabalhar com um grupo de crianças e abordar vários temas.

O primeiro conto trabalhado foi *A Casinha de Chocolate* dos Irmãos Grimm. As personagens deste conto são: Hansel e Gretel, o pai, a madrasta e a bruxa. Existem também as personagens secundárias que acabam por ser os auxiliares dos heróis do conto: os pássaros e o pato.

No final da leitura do livro, e após ter feito o reconto, coloquei algumas questões ao grupo e pude perceber que gostaram e que o entenderam. Salienta-se o facto de que as ilustrações chamaram a atenção do grupo, principalmente um “pássaro que é um avião” e o Hansel que “ajuda sempre a Gretel e não tem medo de nada!”. A maioria das crianças teve medo da bruxa salientando sempre o seu chapéu preto e o bico. Estiveram sempre participativas ao longo do estudo, tornando a tarefa mais fácil e divertida, devido aos seus comentários.

A última fase de recolha de dados para este estudo foi o conto *A Bela e o Monstro* de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont.

O grupo esteve muito atento durante a leitura, pois era uma versão que não conheciam. No reconto da história muitas crianças disseram que não sabiam que a Bela tinha irmãos e irmãs e que antes de ficar pobre, o pai era rico. É de salientar que quando coloquei algumas questões ao grupo, muitas fizeram referência ao filme e houve personagens da história que eles não referiram. Ao serem questionadas sobre a razão, simplesmente respondiam que, no caso das irmãs da Bela, “Elas eram más para a Bela e eu não gosto delas!”.

À medida que fomos conhecendo o grupo, fomos adotando estratégias que nos possibilitaram estabelecer conversas interessantes com as crianças.

Ao longo desta prática, conhecemos as pessoas que trabalhavam na instituição que se mostraram sempre disponíveis para nos ajudar. O ambiente de trabalho da instituição foi sempre agradável e positivo, possibilitando uma adaptação mais fácil e positiva.

No que diz respeito à educadora cooperante, mostrou-se muito recetiva, disposta a ajudar e acessível. Ensinou-nos várias estratégias relativamente à forma como podíamos manter as crianças mais atentas, o que veio a ser uma mais-valia. Com as auxiliares também foi criada uma relação de amizade e carinho.

Foi, assim, uma experiência muito satisfatória e enriquecedora, que nos possibilitou uma evolução tanto ao nível pessoal como ao nível profissional.

### **3. Análise das conceções das crianças**

Tal como já foi referido, pretendeu-se compreender de que forma as crianças encaram os heróis dos contos de fadas. Na faixa etária dos 4/5 anos há uma ligação afetiva das crianças perante estas figuras, o que nos levou a compreender como reagem em relação a estas personagens.

Assim, traçámos um percurso lógico que se focou na apresentação das duas histórias. *A Casinha de Chocolate*, versão dos Irmãos Grimm, relata a história de dois irmãos que foram abandonados pelos seus pais, encontrando uma casinha repleta de doces cuja dona era uma bruxa; *A Bela e o Monstro*, de Jeanne-Marie LePince de Beaumont, relata a história de uma bela menina que fica prisioneira de um monstro e que com o passar do tempo, após conviverem um com o outro, se apaixonam.

Quanto às atividades realizadas em contexto de jardim-de-infância, partimos da leitura em voz alta, já que na educação Pré-Escolar, a “Hora do Conto” é um momento integrado regularmente no dia-a-dia das crianças.

Nos próximos subcapítulos apresentaremos as atividades que desenvolvemos a partir do contar de cada uma das histórias mencionadas. Estas atividades destinavam-se a compreender que significados eram atribuídos às personagens heroicas, e em alguns casos aos auxiliares, bem como a influência dos contos de fadas no imaginário da criança.

#### **3.1. A Casinha de Chocolate, versão dos Irmãos Grimm**

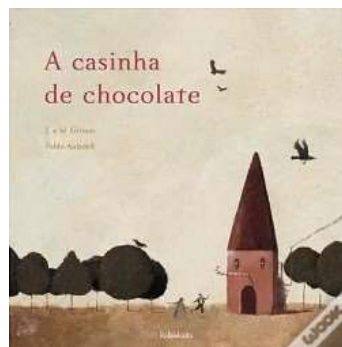
A primeira sessão teve como ponto de partida o conto da história *A Casinha de Chocolate*, dos Irmãos Grimm.

A nossa intervenção teve como ponto central o herói estereotipado, distinguido por ser capaz de vencer todos os obstáculos para chegar a um final feliz.

Na maioria das vezes o herói tem sempre um auxiliar que o ajuda na sua missão. Centrámos a sessão no diálogo com as crianças, como forma de recolher as suas conceções iniciais sobre o comportamento de Hansel e Gretel e das outras personagens.

Tivemos a participação de onze crianças e não de vinte e duas, o número total de crianças, visto as outras terem faltado nesse dia. Neste estudo serão apenas usados os desenhos de seis crianças, pois as outras cinco tiveram de sair para o apoio com a professora de terapia da fala. As seis crianças estiveram presentes na realização do debate e de todo o desenrolar da atividade.

Após a rotina diária, as crianças sentaram-se no tapete para poderem ouvir a história *A Casinha de Chocolate*, cuja estratégia utilizada se centrou na utilização do próprio livro, voltado para as crianças, de modo a que estas pudessem visualizar as ilustrações.



**Figura 2** – Capa do livro *A Casinha de Chocolate*, versão dos Irmãos Grimm

Tivemos em atenção elaborar atividades que remetessem para uma fácil compreensão do conteúdo da obra selecionada. A forma como elas foram delineadas teve em vista a importância de tornar cada momento interessante e de captar a atenção, tendo como objetivo estimular a imaginação, desenvolver o sentido crítico e encorajar o gosto pela leitura.

Começámos por perguntar se conheciam a história. A maioria das crianças referiu que conhecia, mas que tinha outro nome, João e Maria, e uma criança até acrescentou “A história que sei é do João e da Maria e foi a avó que a contou”.

Ao longo da leitura fui interagindo com o grupo e foi possível perceber que estavam motivados e fascinados com as imagens apresentadas no livro. Terminada a leitura da história, e como forma de recontar algumas partes principais, voltei a identificar as personagens. Pude verificar que as crianças estiveram concentradas, notou-se que tinham captado e compreendido todo o desenrolar da narração. Algumas recontaram fluentemente a história, conseguindo distinguir que ações eram praticadas por cada personagem.

Elaborámos, previamente, um conjunto de cinco perguntas que considerámos pertinentes após a leitura do conto:

- 1– Qual a personagem de que tiveste mais medo? Porquê?
- 2– Qual a parte da história de que gostaste mais?
- 3- Qual é a tua personagem favorita?
- 4- Ela representa o bem ou o mal?
- 5- Tiveste medo da bruxa?

Quanto aos diálogos que decorreram sobre o conto *A Casinha de Chocolate*, registados por escrito, as perguntas foram feitas em situação de debate, e começando pela questão “ Qual a parte da história de que gostaste mais?”, a maioria respondeu “A parte em que os meninos encontram a casinha de chocolate”. Em relação à personagem preferida das crianças, a maioria respondeu que era o Hansel e apenas uma criança respondeu o pato. Ao perguntar a razão, respondeu-me que “Porque o pato ajudou os meninos a regressarem para casa onde estava o pai”.

Aproveitando o facto de a personagem preferida das crianças ser o Hansel, perguntei qual era a opinião sobre esta personagem, tendo como objetivo perceber a forma como a caracterizavam. A resposta mais mencionada foi “Ele é bom porque ajuda sempre a Gretel quando ela tem medo” e “Ele é esperto porque engana a bruxa a pensar que ele está muito magrinho”. Todas as crianças consideraram o Hansel muito corajoso, destemido e sobretudo muito amigo da irmã. Com estas respostas conclui-se que, para este grupo de crianças, o herói da história era sem dúvida o Hansel.

Foi evidente que participaram de forma satisfatória na atividade e mostraram-se empenhadas durante o diálogo sobre a mesma.

Apesar de alguma agitação do grupo, porque todos queriam participar vivamente, alcançámos os objetivos propostos para esta sessão e percebemos que as crianças revelam traços da personagem do Hansel bastante vincados e concretos. As crianças revelaram-se bastante protetoras em relação às personagens Hansel e Gretel, talvez na medida em que são também crianças. O grupo compreendeu a história e a mensagem que transmite: não devemos falar com desconhecidos; algumas crianças até salientaram que “A minha mãe diz-me sempre para não falar com estranhos”.

Houve crianças que também se concentraram nas ilustrações do livro mencionando “Aquele pássaro parece um avião”, “este bicho parece uma cobra e olha este rato tão grande” e “Olha o Hansel está triste dentro da jaula.”.

## Os Desenhos

	Casinha de chocolate	Hansel	Gretel	Pai	Floresta	Gaiola	Casa do Pai	Bruxa
A								
B								
C								
D								
E								
F								

**Tabela 1** – Dados da análise dos desenhos acerca do conto *A Casinha de Chocolate*

Legenda da imagem:

	Desenhou
	Não desenhou

Para uma melhor análise dos desenhos elaborámos a Tabela 1 onde podemos verificar os elementos da história desenhados e não desenhados pelas crianças acerca do conto *A Casinha de Chocolate*. Pudemos observar que todas as crianças gostaram da casinha de chocolate e que têm uma forte relação com o Hansel e a Gretel, apenas uma criança não desenhou.

Podemos também ver que uma das crianças desenhou todos os elementos da história, exceto a gaiola. Esta criança revelou grande atenção durante toda a história. (Anexo 3) Embora não tenham desenhado a bruxa, esta personagem foi muito marcada no reconto, assim como os pássaros e os patos. Em relação à floresta, as crianças mencionaram que era um “sítio muito escuro e o pai não devia lá ter deixado os filhos porque eles tinham medo”. Para finalizar perguntei a uma das crianças porque só tinha desenhado a casinha de chocolate e a floresta e ela respondeu: “Eu desenhei a casinha porque foi o que mais gostei e a floresta foi do que tive mais medo, mas eu sou corajoso como o Hansel”.

### 3.2. *A Bela e o Monstro* de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont

A segunda sessão partiu do conto *A Bela e o Monstro* de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont.

A nossa intervenção teve como ponto central o herói estereotipado, distinguido por ser capaz de vencer todos os obstáculos para chegar a um final feliz.

Centrámos a sessão no diálogo com as crianças, como forma de recolher as suas conceções iniciais sobre o conto *A Bela e o Monstro*.

Neste estudo serão usados os desenhos de onze crianças, e às perguntas apenas oito responderam.

Após a rotina diária, as crianças sentaram-se no tapete para poderem ouvir a história *A Bela e o Monstro*, cuja estratégia utilizada se centrou na utilização do próprio livro, voltado para as crianças, de modo a que estas pudessem visualizar as ilustrações.



**Figura 3** – Capa do livro *A Bela e o Monstro* de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont

Novamente, começámos por perguntar se conheciam a história. A maioria das crianças referiu que sim.

Ao longo da leitura do conto, fomos interagindo com o grupo de crianças e foi possível perceber que estavam motivadas e fascinadas com as imagens apresentadas no livro. Terminada a leitura, e como forma de recontar algumas partes principais, voltámos a identificar as personagens. Pudemos verificar que as crianças não estavam familiarizadas com esta versão da história, conhecendo apenas a versão da Disney. Mesmo assim, algumas recontaram-na fluentemente conseguindo distinguir que ações eram praticadas por cada personagem e mencionando as novas. O facto de a Bela ter irmãos e irmãs foi o que mais marcou as crianças.

As perguntas colocadas às crianças foram as mesmas que no conto anterior:

- 1- Qual a personagem de que tiveste mais medo? Porquê?
- 2- Qual a parte da história de que gostaste mais?
- 3- Qual é a tua personagem favorita?
- 4- Ela representa o bem ou o mal?
- 5- Tiveste medo do Monstro?

Quanto aos diálogos que decorreram sobre *A Bela e o Monstro*, registados por escrito, e começando pela questão em relação à personagem preferida, a maioria respondeu a Bela, sendo que uma pequena minoria respondeu o Monstro. Uma criança deu uma resposta diferente, mas que cativou a minha atenção: “A minha personagem favorita é o príncipe porque ele continua a gostar da Bela!”. A criança, ao dar esta resposta, percebe que o príncipe estava sob um feitiço da fada e mesmo já não sendo monstro, continua a amá-la.

Aproveitando o facto de a personagem preferida das crianças ser a Bela perguntei qual era a opinião sobre esta, tendo como objetivo perceber de que forma a caracterizavam. Algumas das repostas foram: “Ela é muito bonita e amiga!”, “Ela é muito corajosa porque fica no castelo do Monstro!”, “Eu gostava de ser como a Bela porque ela não tem medo de nada!”. Verifiquei que as crianças responderam porque consideraram a Bela a heroína da história. Houve ainda uma criança que surpreendeu com a sua resposta, ao referir que a personagem principal era o Príncipe. Ao perguntar a razão, a criança respondeu “é o príncipe porque ele continua a gostar da Bela e a Bela vê que é ele pelos olhos.”

Em relação à pergunta “Qual a parte da história de que gostaste mais?”, as respostas foram: quando a Bela chega ao palácio e quando o monstro se transforma em príncipe. Observei que as crianças, principalmente as do sexo feminino, gostaram da parte do conto relativa ao príncipe, pois consideram a Bela uma princesa que viverá no castelo, logo tem de haver um príncipe. O outro facto mencionado é a chegada da Bela ao palácio, e tal feito é entendido pelas crianças como a coragem da Bela. Essa coragem passou para as crianças que disseram “Eu se visse um monstro também lutava com ele, mas primeiro via se ele era bom”.

A sessão deste conto foi muito interessante, pois embora já sabendo a história, as crianças estiveram sempre muito atentas. A sua atenção tornou-se mais ativa quando perceberam que havia personagens novas. Foi notável, na altura do reconto, o desagrado pelas irmãs de Bela e o medo inicial do Monstro, que depois fica “Príncipe bom!”.

### Os Desenhos

	Pai Doente	Rosas	Rio	Monstro	Bela	Cama	Palheiro	Espelho	Castelo	Príncipe
A										
B										
C										
D										
E										
F										
G										
H										
I										
J										
L										

**Tabela 2** – Dados da análise dos desenhos acerca do conto *A Bela e o Monstro*

Legenda:

	Desenhou
	Não desenhou

Ao analisar os desenhos, elaborámos um quadro em que podemos observar os elementos da história desenhados e não desenhados pelas crianças acerca do conto *A Bela e o Monstro*.

Podemos verificar pela observação da Tabela 2, que em onze crianças duas não desenharam o Monstro e três não desenharam a Bela. Nos desenhos podemos observar que o Monstro é uma figura grande em relação aos outros elementos. Por sua vez, a Bela já é uma figura mais pequena e com um ar frágil. Muitas crianças disseram que ela era mais pequena que o Monstro, mas era forte. Nos desenhos pode-se também observar, de forma notável, o pai doente na cama e as rosas que este levava para a Bela.

Uma das crianças fez um desenho muito completo pois conseguiu distinguir o Monstro e o Príncipe. É de notar a diferença do tamanho entre as duas figuras. Esta criança explicou, enquanto era feita a legenda do desenho que: “eu fiz o pai doente porque é muito importante para a Bela e as rosas porque é por isso que ela fica no castelo e o espelho é para o Monstro ver a Bela. O príncipe está aqui porque é o fim da história!”. (Anexo 6)

Em relação às imagens da história, devo registar que as crianças foram muito boas observadoras atentando a pormenores como por exemplo, mencionar que Monstro tinha um brinco. A imagem que mais as impressionou foi a do Monstro deitado numa pedra. Uma criança disse “Vês, o Monstro está quase a morrer porque a Bela não vem!” à qual outra respondeu “mas ele não vai porque ela volta e dá-lhe um beijinho”.

As crianças disseram que gostaram muito desta versão da história porque não a conheciam, mas que também era “Muito linda e maravilhosa, mesmo com as irmãs más!”. A atenção demonstrada e o entusiasmo delas perante este conto, embora já sendo conhecido, numa outra versão, prova que pode ser contado de várias maneiras porque é sempre uma nova oportunidade para aprender e dar largas à imaginação da criança.



## **Capítulo IV – CONCLUSÕES FINAIS**

“Of course its happening inside your head, Harry, but why on earth should that mean that it is not real? ” - Albus Dumbledore  
(Rowling, 2007, p. 576)



*“A qualidade de se ser alegre é o bem mais precioso da nossa civilização.”* – O Príncipezinho (Saint-Exupéry, 1959)

Este foi um trabalho realizado com muita alegria, entusiasmo, dedicação e envolveu pesquisas diversificadas que me permitiram não só refletir bastante sobre o assunto em causa, como construir conhecimentos e analisar a prática educativa desenvolvida no contexto de educação pré-escolar.

Este último capítulo corresponde às reflexões globais do presente estudo.

Os contos de fadas permitem que as crianças descubram um mundo além do real, um mundo imaginário que, além de permitir aprender através da fantasia, desperta na criança o interesse pela leitura. A leitura desenvolve a criatividade, a imaginação e permite à criança aquisição de conhecimentos e valores. Segundo Abramovich (1997) quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais clara, sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância, como medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidade, dor, perda, além de ensinarem infinitos assuntos.

O conto contribui para o desenvolvimento da personalidade da criança e facilita o seu desenvolvimento.

Quando a criança entra no mundo do maravilhoso, este ajuda-a a adquirir valores para viver em sociedade, visto que o mundo “faz-de-conta” é aquele com o qual a criança se identifica mais. É por esta razão que devemos conversar com a criança de modo a ajudá-la a compreender o mundo que a rodeia e levá-la a perceber que a literatura é importante para isso. Contar e ouvir uma história é partilhar uma experiência agradável, na descoberta do mundo das histórias e dos livros, que nos ensinam.

Segundo Bettelheim (1985), os contos de fadas ensinam a criança que há obstáculos a ultrapassar, que há dificuldades na vida, que o bem e o mal existem. O ato de contar histórias, para além de ser ancestral, é muito importante, pois ajuda na formação das crianças e incentiva-as a tornarem-se leitores. Deste modo é essencial que na educação pré-escolar se proporcionem experiências literárias diversificadas e ricas para a formação de leitores.

O desenho também é muito relevante, pois é através dele que a criança vai expressando as suas ideias. Os desenhos das crianças estão repletos de significados, uma vez que representam como a criança vê algo e salientam a importância entre a linguagem verbal e a linguagem plástica.

Para a concretização das atividades deste estudo utilizou-se como estratégia a leitura de histórias e procurou-se averiguar “a relação da criança com o herói” tendo como objetivo despertar a imaginação, a criatividade, a concentração e ambição pela leitura.

Os heróis são, sem dúvida, os elementos principais dos contos. As crianças ao ouvirem a história vão criar uma relação com estes, pois há situações heróicas que as crianças utilizam para poderem enfrentar os seus medos. As figuras maléficas também são importantes, pois as crianças necessitam delas para que possam aprender com o conto, o ato de valentia que o herói faz para vencer os obstáculos.

Relativamente à implementação das atividades, refletimos sobre as reações das crianças a estes contos. Começando pela *Casinha de Chocolate*, podemos dizer que a maioria das crianças considera que o Hansel é o herói porque arranja uma solução para sair do problema, o abandono pelo pai e pela madrasta na floresta. Houve também crianças que consideraram a Gretel como heroína, pois ela consegue enganar a bruxa e, desta forma, os dois irmãos fogem para casa. Bettelheim (1985, p. 255) refere que: “Hansel e Gretel é um dos muitos contos de fadas em que dois irmãos cooperam na libertação um do outro e conseguem-no em virtude dos seus esforços combinados.”. Muitas crianças mencionaram também a importância das aves no conto, pois foi através destas que as crianças se salvaram, mesmo quando o “pássaro as levou para a casa de chocolate da bruxa!”, pois Hansel e Gretel estavam com fome. As aves, assim, são consideradas como os auxiliares dos heróis, pois levam as crianças de volta a casa. A personagem da qual as crianças tiveram mais medo foi a bruxa. As crianças disseram que ela tinha enganado os irmãos, mas que se ela não existisse a história não teria sido “engraçada”. Perante esta afirmação de uma criança Bettelheim (1985, p. 256) afirma que: “Enquanto as crianças acreditarem em bruxas – sempre acreditaram e sempre acreditarão (...) - elas precisam de ouvir histórias em que as crianças, pela sua invencibilidade se desembaraçam destas

figuras que as perseguem na sua imaginação. Conseguindo fazê-lo, ganham imensamente com a experiência tal como Hansel e Gretel.”.

Em relação ao conto *A Bela e o Monstro* ficou bastante claro que a heroína era a Bela, mas algumas crianças mencionaram que neste conto não havia “Nenhum mau, o monstro não era mau porque ele só queria era a Bela”. Foi evidente que as crianças entenderam o conto e, embora já conhecessem a versão da Disney, ouviram com bastante interesse a versão nova. Ao ouvirem que a Bela tinha irmãs e irmãos ficaram muito admirados, mas foram personagens que puseram logo de parte porque “as irmãs não gostavam da Bela!”.

Podemos observar nos desenhos que as crianças fizeram que, para além da Bela e do Monstro, houve uma grande preocupação em desenhar as rosas, e tornou-se evidente que perceberam qual a razão do Monstro para castigar o pai da Bela. Outro elemento importante foi o espelho. No reconto, as crianças mencionaram o espelho e a sua importância foi notória, “Eu também gostava de ter um espelho para poder ver as coisas!”, disse uma criança. A função do espelho, nos contos de fadas, tem dois sentidos: o de possibilitar a visão daquilo que mais se deseja e ser um objeto mágico que ajuda o herói na travessia do seu percurso. Por sua vez, estando o herói tranquilo, a criança também estará. Bruno Bettelheim (1985, p. 467) refere que: “Cada conto de fadas é um espelho mágico que reflete certos aspetos do nosso mundo interior e os passos exigidos pela nossa evolução da imaturidade para a maturidade.”. Uma preocupação das crianças foi em relação ao pai da Bela, que ficou doente e a causa atribuída foi o frio que apanhou quando o Monstro o libertou. Mas a verdadeira causa foi a saudade que tinha pela filha. Podemos estabelecer uma relação entre os sentimentos do pai e o Monstro: ambos ficam doentes com a ausência de Bela, pois amam-na de forma diferente. Este facto explica a essência principal deste conto. Bettelheim (1985, pp. 458-459) refere que “Apesar do título não há nada de horrendo no conto de fadas *A Bela e o Monstro*. (...) Neste conto tudo é bondade e devoção amorosa de um pelo outro, da parte das três personagens: a Bela, seu pai e o Monstro.”.

Nestas duas histórias pude observar o envolvimento das crianças e a sua ligação aos heróis, e como elas se identificam especialmente com os heróis e acreditam que o bem vence o mal. Talvez seja por isso que aceitem a presença dos

elementos malévolos nos enredos dos contos de fadas. Existe uma necessidade de opositores para dificultar o caminho ao herói e, apesar do medo que sentem em relação a essas personagens (bruxas, monstros), as crianças consideram que a sua presença é importante na história.

Após os debates finais, focámo-nos nas questões problema do presente estudo, podemos afirmar que as crianças adoram os heróis e reagem com entusiasmo aos seus comportamentos que servem para solucionar o problema. Consideramos que as atividades levaram as crianças a refletir sobre o tema, sendo que ao longo das sessões e com adaptação das estratégias, o interesse foi sendo cada vez maior.

Como já foi referido, os contos de fadas transmitem mensagens importantes para o desenvolvimento saudável e global da criança, provando que todas as personagens (boas e más) não devem ser excluídas das histórias infantis, já que lhes permitem lidar com a ambivalência de sentimentos, exigindo também que façam a sua escolha entre as personagens e comportamentos que consideram positivos e negativos, o que contribui para a formação da sua personalidade.

Concluimos, assim, que os contos de fadas são intemporais e universais, pois quando contados às crianças, é notória a sua motivação e envolvimento. A exploração dos mesmos proporciona numerosas vantagens, sendo uma delas a aquisição de conhecimentos. Cabe-nos a nós, educadores de infância, promover hábitos de leitura de histórias que fomentem o desenvolvimento de imaginação, da compreensão, do interesse pela leitura para que, no futuro, as crianças se tornem cidadãos críticos. Penso que o hábito e o interesse pela leitura deve ser um processo constante, que deve começar muito cedo, em casa, aperfeiçoar-se na escola e continuar pela vida fora.

## Referências Bibliográficas

- Alarcão, I. (1995). *Princípios de Formação dos educadores/as reflexivos*. Cadernos de Educação de Infância.
- Ausubel, D. P.; Novak, J. D; Hanesian, H. (1980). *Psicologia Educacional*. 2ªed. Rio de Janeiro: Interamericana.
- Balça, A. e Pires, M.N. (2013). *Literatura Infantil e Juvenil. Formação de Leitores*. Carnaxide: Santillana.
- Bastos, G. (1999). *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Beaumont, Jeanne-Marie Leprince. (2005). *A Bela e o Monstro*. Porto: Porto Editora
- Bettelheim, B. (1985). *Psicanálise dos Contos de Fadas*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Biklen, R. B. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Coelho, N. (1984). *A literatura Infantil*. São Paulo: Quíron.
- Dohme, V. (2000). *Técnicas de contar histórias: um guia Para Desenvolver as suas Habilidades e Obter sucesso na apresentação de uma história* (3ª ed.). São Paulo: Informal.
- Educação, Ministério. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ferreira, H. C. (1998). *Metodologia da Investigação - Guia Para autoaprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Gonçalves, C. (2011). *O estereótipo da bruxa nos contos populares e nos contos infantis*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Grimm, J. e Grimm, W. (2013). *A Casinha de Chocolate*. Matosinhos: Kalandraka Editora
- H. Hanesian, J. N. (s.d.). *Psicologia Educacional* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Interamericana.
- Hohmann D. e Weikart, M. (1997). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Manzano, M. (1988). *A criança e a Leitura. Como fazer da criança um leitor*. Porto: Porto Editora.
- Mesquita, A. (2006). *Mitologia, Tradição e Inovação - (Re)leituras para uma nova Literatura Infantil*. Vila Nova de Gaia: Gailivro.
- Papalia, D., Olds, S. e Feldman, R. (2001). *O mundo da Criança*. Lisboa: McGraw-Hill

- Pedrosa, J. M. (2005/2006). *Ogros, brujas, Vampiros, fantasmas: la lógica del oponente frente a la lógica del héroe. ELO - Estudos de Literatura Oral / Centro de Estudos Ataíde Oliveira*. Faro: Universidade do Algarve, nº11/12, pp.217-235
- Quadros, A. (1972). *O Sentido educativo do maravilhoso*. Lisboa: Direcção Geral da Educação Permanente.
- Rowling, J. K. (2000). *Harry Potter and the Chamber of Secrets*. Lisboa: Editorial Presença.
- Rowling, J. K. (2003). *Harry Potter and the Order of the Phoenix*. Barcarena: Editorial Presença.
- Rowling, J. K. (2007). *Harry Potter and the Deadly Hallows*. Lisboa: Editorial Presença.
- Saint-Exupéry, A. d. (1959). *O Príncipezinho*. Editorial Aster.
- Serrano, G. (1994). *Investigación Culinativa, Retos e Interrogantes: I Métodos*. Madrid: La Muralha.
- Soares, M. L. (2004). *B.I. das Fadas e das Bruxas*. Lisboa: Apenas Livros.

### **Webgrafia**

- C.P. Coutinho, A.S. (2009). *Investigação-ação: metodologia preferencial nas práticas educativas*. Obtido em 14 de março de 2016, de Revista Psicologica, Educação e Cultura: [://repositorium.sdum.uminho.pt/1822/10148/1/Investiga%C3%A7%C3%A3o\\_Ac%C3%A7%C3%A3o\\_Metodologias.PDF](://repositorium.sdum.uminho.pt/1822/10148/1/Investiga%C3%A7%C3%A3o_Ac%C3%A7%C3%A3o_Metodologias.PDF)
- <https://www.casadopessoal-huc.com/index.php/mensagem>. Consultado dia 14 de novembro de 2015
- Denzin, N. e Lincoln, Y. (2000). *The discipline and practice of qualitative research*. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp.1-28). London: Sage Publications. Consultado a 26 de janeiro de 2016, em [http://www.sagepub.com/sites/default/files/upm-binaries/40425\\_Chapter1.pdf](http://www.sagepub.com/sites/default/files/upm-binaries/40425_Chapter1.pdf)
- Moura, M. C. (2009). *Organização do espaço: Contribuições para uma educação infantil de qualidade. Programa de pós-graduação em educação*. Universidade de Brasília. Faculdade de Educação. Acedido em 10 de janeiro de 2016 em [http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=4938](http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4938)

## **ANEXOS**



**Anexo 1** – Cronograma do Estágio em Jardim de Infância Mestrado Educação Pré-  
Escolar (Prática Educativa I)





### Cronograma do Estágio em JI Mestrado - Educação Pré-Escolar (PE1)

<p><b>1ª Fase</b> (4 semanas) 2 a 25 Novembro</p>	<p><b>Observação do contexto educativo:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- organização do ambiente educativo (criança, grupo, espaço, tempo, meio institucional, relação com os pais e parceiros educativos);</li> <li>- observação da prática da educadora cooperante. Recolha, tratamento e sistematização dos dados. Definição dos aspetos curriculares relevantes.</li> </ul>
<p><b>2ª Fase</b> (4 semanas) 30 de novembro a 16 de dezembro 4 a 6 de janeiro</p>	<p><b>Entrada progressiva na atuação prática:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- desempenho de tarefas pontuais selecionadas em colaboração com a educadora cooperante;</li> <li>- dinamização pontual de atividades pedagógicas</li> </ul> <p><b>Desenvolvimento das práticas pedagógicas</b></p>
<p><b>3ª Fase</b> (11 semanas) 11 a 27 de janeiro; de 15 a 24 de fevereiro; de 8 de março a 7 de abril; de 26 a 28 de abril</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- planificação das atividades curriculares de acordo com o plano de trabalho da educadora cooperante</li> <li>- atuação</li> <li>- avaliação reflexiva</li> <li>- renovação da atuação de acordo com os dados da avaliação anterior</li> </ul> <p><b>Implementação e desenvolvimento de um projeto pedagógico:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- gestão integral do projeto</li> <li>- planificação, implementação e avaliação das atividades no âmbito do projeto</li> <li>- divulgação</li> </ul>
<p><b>4ª Fase</b> (1 semana) 3 a 5 de maio</p>	<p><b>Avaliação do processo:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Avaliação reflexiva</li> </ul>

ESEC, outubro de 2016



**Anexo 2** – Planificação da primeira sessão relacionada com o tema de investigação, *A Casinha de Chocolate*, dos Irmãos Grimm





Instituto Politécnico de Coimbra  
Escola Superior de Educação de Coimbra



<p>Mestrado em Educação Pré-Escolar Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar Ano letivo 2015/2016 Instituição: Creche e Jardim de Infância "O Caracol"</p> <p><b>Educadora Cooperante:</b> Cristina Amado <b>Alunas Estagiárias:</b> Margarida Inês Nogueira Aguiar Nunes <b>Professora Supervisora:</b> Prof. Manuela Carito</p> <p>Faixa etária: 4 e 5 anos Grupo: 21 crianças</p> <p><b>Planificação Diária – 27 de janeiro de 2016</b></p>	
<b>Tema</b>	A Casinha de Chocolate
<b>Áreas</b>	<b>Conteúdos</b>
<b>Área de Formação Pessoal e Social</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Educação para a Cidadania:                     <ul style="list-style-type: none"> <li>- Colaboração nas propostas comuns,</li> <li>- Sentido de responsabilidade.</li> </ul> </li> </ul>
<b>Área de Expressão e Comunicação</b> <b>- Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Compreensão oral:                     <ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreensão de mensagens orais;</li> <li>- Enriquecimento de vocabulário.</li> <li>- Ritmo e Entoação:</li> <li>- Tom e intensidade da mensagem.</li> <li>- Sensibilização aos sons.</li> </ul> </li> </ul>



Instituto Politécnico de Coimbra  
Escola Superior de Educação de Coimbra



<p><b>- Expressão Plástica</b></p>	<p>- Aprender a dar atenção e a escutar.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenho:           <ul style="list-style-type: none"> <li>- Materiais de desenho (utensílios, suporte);</li> <li>- Desenvolvimento da criatividade</li> </ul> </li> <li>• O dia e a noite</li> </ul>
<p><b>Area do Conhecimento do Mundo</b></p>	
<p><b>Recursos Humanos</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Educadora da sala amarela</li> <li>• Auxiliares da sala amarela</li> <li>• Crianças sala amarela</li> <li>• Estagiárias da sala amarela</li> </ul>
<p><b>Estratégias</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acolhimento e higiene das crianças.</li> <li>• Depois as crianças vão entrando na sala e dirigem-se para o cantinho do tapete.</li> <li>• A estagiária apresenta o novo quadro das presenças diário.</li> <li>• Os chefes do dia marcam no painel o mês, o dia da semana, que dia é o estado do tempo.</li> <li>• A estagiária apresenta o livro <i>A Casinha de Chocolate</i> ao grupo e pergunta se sabem qual o título. Depois explora com as crianças a capa do livro e as suas ilustrações.</li> <li>• Leitura do conto tradicional <i>A Casinha de Chocolate</i> de J. e W. Grimm, com ilustrações de e Paul Auladell. As ilustrações de cada página, serão mostradas à medida que vai contando a história. Pergunta se reconhecem as</li> </ul>



Instituto Politécnico de Coimbra  
Escola Superior de Educação de Coimbra



	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diálogo com as crianças para diagnosticar os seus conhecimentos prévios sobre as diferenças entre o dia e a noite.</li> <li>• As crianças dirigem-se as mesas de trabalho e devem realizar um desenho com a parte que mais gostaram da história ou com a personagem preferida.</li> </ul>
<p>Avaliação</p>	<p>A criança é capaz de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Utilizar corretamente os recursos necessários</li> <li>• Esperar pela sua vez para realizar as tarefas</li> <li>• Ouvir a opinião dos colegas</li> <li>• Expressar a sua opinião</li> <li>• Manter a concentração</li> </ul>

**Anexo 3-** Desenho de uma criança sobre o conto *A casinha de Chocolate*



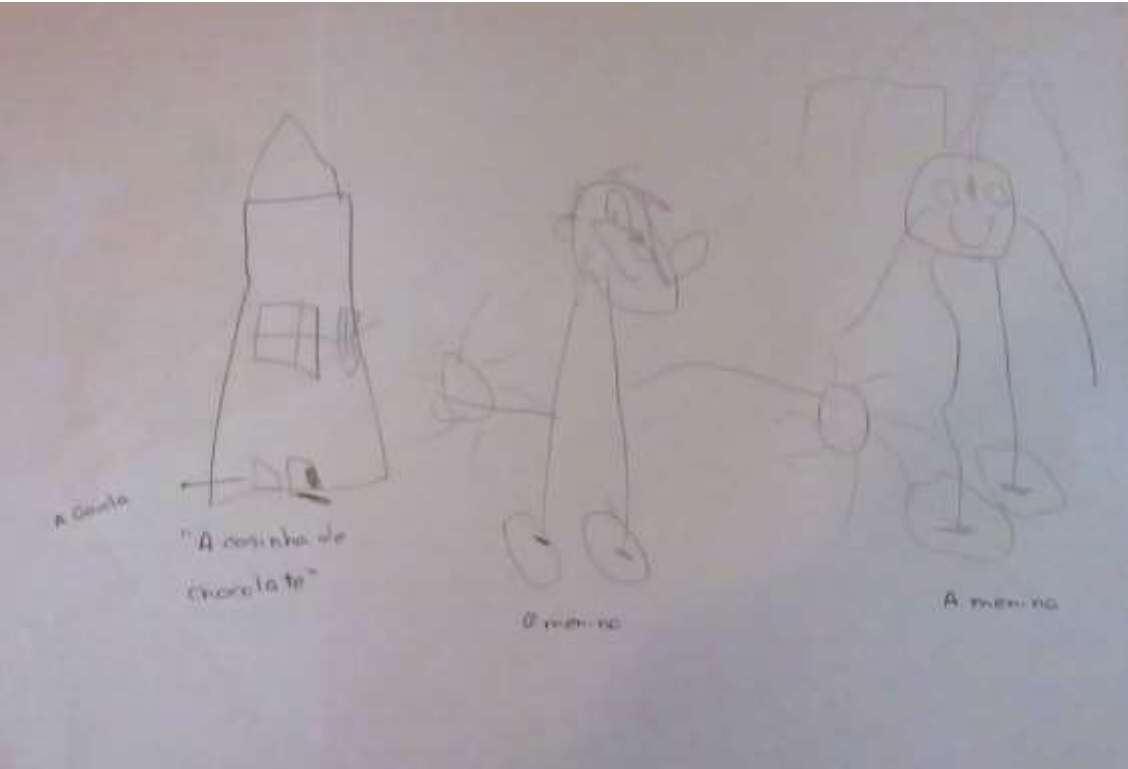




**Anexo 4** – Digitalizações de outros desenhos realizados pelas crianças  
relativos ao conto *A Casinha de Chocolate*







**Anexo 5** – Planificação da segunda sessão relacionada com o conto *A Bela e o Monstro*


















Instituto Politécnico de Coimbra  
Escola Superior de Educação de Coimbra



<p>Mestrado em Educação Pré-Escolar Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar Ano letivo 2015/2016 Instituição: Creche e Jardim de Infância "O Caracol"</p> <p><b>Educatória Cooperante:</b> Cristina Amado <b>Alunas Estagiárias:</b> Margarida Inês Nogueira Aguilar Nunes <b>Professora Supervisora:</b> Prof. Manuela Carrito</p> <p><b>Faixa etária:</b> 4 e 5 anos <b>Grupo:</b> 21 crianças</p> <p>Planificação diária – 21 de abril de 2016</p>	
<b>Tema</b>	<b>A Bela e o Monstro</b>
<b>Áreas</b>	<b>Conteúdos</b>
<b>Área de Formação Pessoal e Social</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Educação para a Cidadania:<ul style="list-style-type: none"><li>- Colaboração nas propostas comuns,</li><li>- Sentido de responsabilidade.</li></ul></li><li>• Compreensão oral:<ul style="list-style-type: none"><li>- Compreensão de mensagens orais;</li><li>- Enriquecimento de vocabulário.</li><li>- Rímico e Entoação:</li><li>- Tom e intensidade da mensagem.</li><li>- Sensibilização aos sons.</li></ul></li></ul>
<b>Área de Expressão e Comunicação</b> <b>- Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</b>	

 <p>Instituto Politécnico de Coimbra Escola Superior de Educação de Coimbra</p>	         	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ouvir a opinião dos colegas</li> <li>• Expressar a sua opinião</li> <li>• Manter a concentração</li> </ul>
	<p><i>e preferida vocês teria</i></p>	<p>explora com ações de Inês A estagiária <i>ersonagens?</i> o conto:</p>
	<p>ostaram da</p>	

**Anexo 6** – Desenho de uma criança sobre o conto *A Bela e o Monstro*







**Anexo 7** – Digitalizações de outros desenhos realizados pelas crianças  
relativos ao conto *A Bela e o Monstro*







